

DINÂMICA DE FLUXO DE FOLHAS EM PERFILHOS DE CAPIM-EFEFANTE cv. BRS KURUMI SOB DIFERENTES ALTURAS DE RESÍDUO

André Luis Fleck de Souza¹; Leonardo Luís Artico¹; Gustavo Trentin²; Márcia
Cristina Teixeira da Silveira³

¹Universidade da Região da Campanha - URCAMP – fleckandreluis@hotmail.com;
leonardoartico@yahoo.com.br; solfla2010@hotmail.com;
²Embrapa Pecuária Sul – gustavo.trentin@embrapa.br;
³Embrapa Pecuária Sul – marcia.c.silveira@embrapa.br

1. INTRODUÇÃO

Entre as gramíneas usadas em pastagens para alimentação animal, destaca-se o capim-elefante (*Pennisetum purpureum* Schum.), pelo alto potencial de produção de forragem, bom valor nutritivo e facilidade de adaptação às condições climáticas predominantes em quase todo o País (PACIULLO et al., 2015).

Assim, em 2012 a Embrapa em parceria com outras Instituições de pesquisa, lançou uma cultivar de porte baixo denominada BRS Kurumi, altamente adaptada à região Sul. Esta planta possui entrenós mais curtos, porém o número de nós e a de folhas não são alterados. Isso confere quantidade de forragem e facilidade de manejo.

O manejo recomendado para esta planta é o rotacinado, onde as plantas são utilizadas para pastejo quando chegam a 70 a 80 cm de altura média e os animais são retirados da área quando o resíduo chega a 30-40 cm. Entretanto, não se tem informação, para esta planta, quanto ao fluxo de folhas mediante diferentes alturas de resíduo.

Diante desse contexto, objetivou-se neste trabalho avaliar o fluxo de folhas do capim-elefante cv. BRS Kurumi, ao longo do seu ciclo, quando manejado sob diferentes alturas de resíduo no intuito de contribuir para o refinamento do manejo no que se refere a flexibilização deste ao longo do ano.

2. METODOLOGIA

O experimento foi desenvolvido na Embrapa Pecuária Sul, município de Bagé-RS, no período de janeiro a julho de 2016, totalizando 177 dias de avaliação.

O plantio do capim-elefante foi realizado em novembro de 2015 por meio de plantas que estavam sendo mantidas em casa de vegetação.

O manejo adotado foi por altura, onde semanalmente foram medidas as alturas das parcelas experimentais e cortes realizados sempre que se chegava à altura média de 70-80 cm de altura. O rebaixamento das plantas foi realizado em diferentes alturas de resíduo: uma altura mais severa (20 cm); duas intermediárias segundo a recomendação de manejo para o capim-elefante Kurumi (30 e 40 cm) e uma mais leniente (50 cm). Desta formas os tratamentos eram: 80/20; 80/30; 80/40 e 80/50 cm, ou seja, plantas que ao chegar a 80 cm eram rebaixadas a seus respectivos resíduos (20; 30; 40 e 50 cm de altura).

O delineamento foi inteiramente casualizado com 4 repetições (4 perfilhos monitorados por tratamento). Estes perfilhos foram monitorados três vezes por

semana até o momento de realização do corte, sendo monitorado o aparecimento e alongamento de folhas, senescência e alongamento do pseudocolmo. Ao longo do período experimental foi possível realizar 3 cortes em alguns tratamentos, sendo que a cada corte eram marcados novos perfis para monitoramento.

A partir dos dados gerados pela morfogênese (CHAPMAN E LEMAIRE, 1993), subtraiu-se do número de folhas surgidas (NFS) o número de folhas vivas (NFV), por intervalos estipulados em 20 dias ao longo do período experimental, e por diferença obteve-se o número de folhas mortas (NFM). Desta forma alcançou-se um indicativo do fluxo e renovação de folhas em capim-elefante BRS Kurumi ao longo do período de avaliação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O fluxo de folhas do capim-elefante cv. BRS Kurumi ao longo do período experimental é apresentado nas Figura 1 a 4. Buscou-se representar a dinâmica de folhas dos perfis, de cada tratamento, no início do experimento e nos três primeiros cortes realizados.

Em relação ao monitoramento que sucedeu o início do experimento (Figura 1), observou-se que as plantas apresentavam maior NFS nos tratamentos 80/20 e 80/30 cm (16 e 14 folhas surgidas, respectivamente) e de folhas mortas (4 e 3 folhas mortas, respectivamente), mantendo vivas cerca de 11 folhas. Os tratamentos 80/40 e 80/50 cm, apresentaram cerca de 12 folhas surgidas, 2 folhas mortas na média e mantiveram 10 folhas vivas.

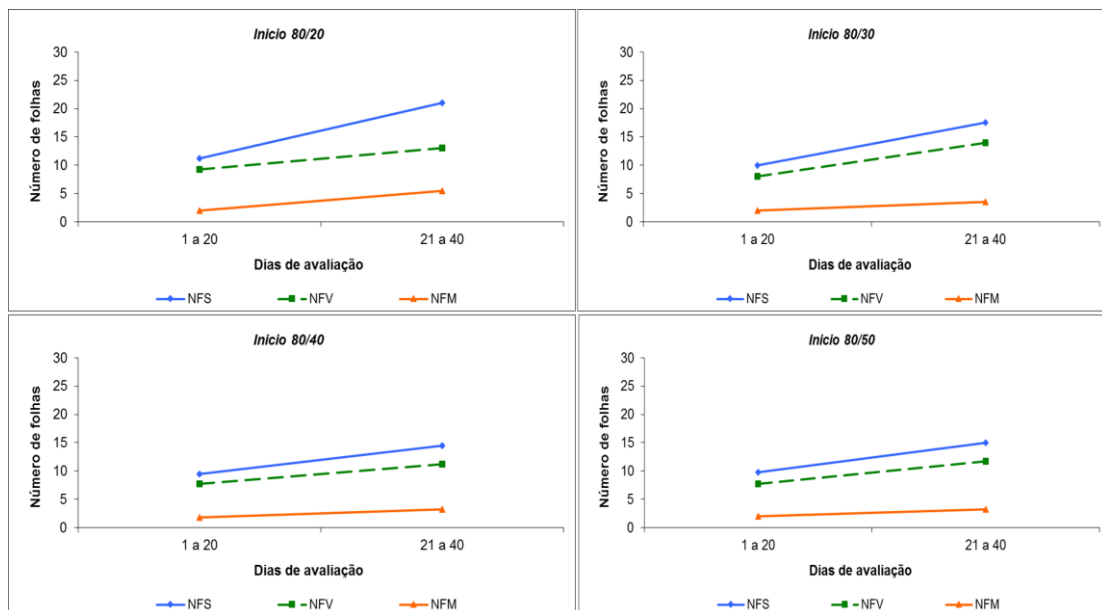


Figura 1. Dinâmica de fluxo de folhas em perfis de capim-elefante cv. BRS Kurumi sob diferentes alturas de resíduo (20; 30; 40 e 50 cm) no início do experimento.

Na figura 2 observa-se o comportamento do fluxo de folhas de perfis após realização do primeiro corte. As plantas do tratamento 80/20 cm apresentaram em média maior NFM (cerca de 6 folhas mortas), mantendo cerca de 8 folhas vivas. Apesar de não ter prejudicado tanto a dinâmica de folhas na planta, este tratamento, ao longo de 177, só possibilitou a realização de um corte, logo é inviável do ponto de vista de adoção para manejo, e a médio prazo pode prejudicar a perenidade do capim-elefante. O intervalo entre cortes foi para as plantas do tratamento 80/30 cm em relação ao 80/40 e 80/50 cm, o que acarretou

em maior NFM médio (3,5 folhas mortas). Neste primeiro corte o tratamento 80/40 cm se mostrou mais interessante no que se refere ao NFV.

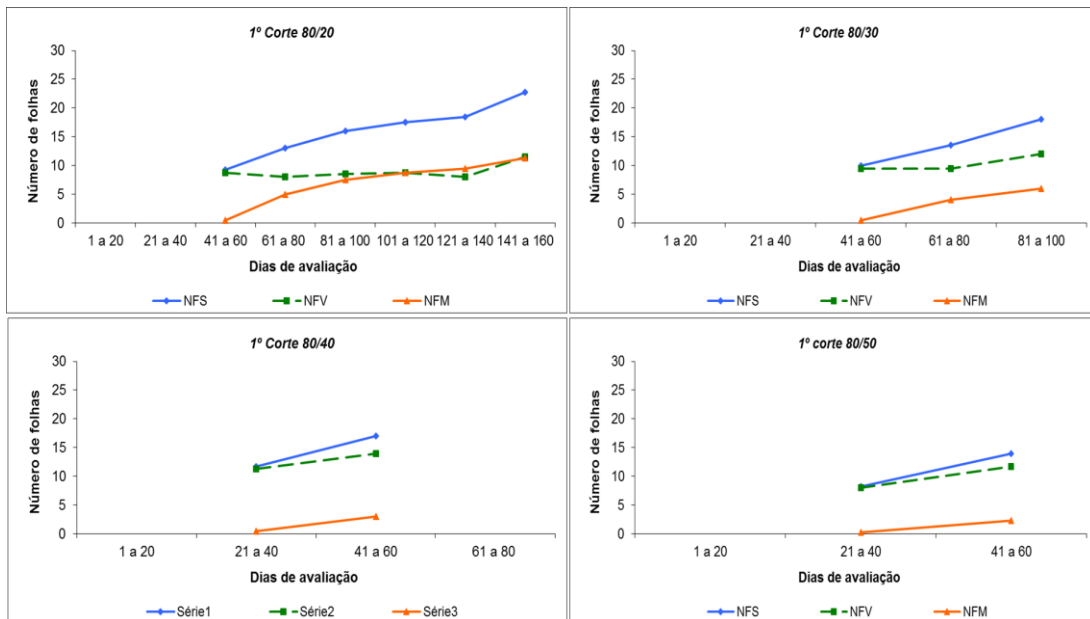


Figura 2. Dinâmica de fluxo de folhas em perfilhos de capim-elefante cv. BRS Kurumi sob diferentes alturas de resíduo (20; 30; 40 e 50 cm) após realização do primeiro corte.

O fluxo de folhas nos perfilhos do segundo corte (Figura 3) apresentou comportamento interessante. Em função do avanço do ciclo de crescimento das plantas e condições climáticas, principalmente temperatura que começou a baixar a partir do fim de março-início de abril 2016, observa-se que para o tratamento 80/30 cm, apesar do menor NFM (0,7 folhas), o NFS e NFV foi menor que o observado no corte anterior (10 e 8 folhas, respectivamente). Os perfilhos dos tratamentos 80/40 e 80/50 cm apresentaram comportamento semelhante e mantiveram alta a média do NFS (14 e 15 folhas, respectivamente), baixa a média do NFM (2 e 1 folha, respectivamente), acarretando em alto NFV (12 e 14 folhas, respectivamente).

Somente os tratamentos 80/40 e 80/50 cm proporcionaram a realização do terceiro corte (Figura 4). Apesar das temperaturas já estarem mais baixas foi possível manter alto, nesses tratamentos, o NFS (13 para ambos os tratamentos) e NFV (12 para ambos os tratamentos) e baixo o NFM (1 e 0,6 folhas para 80/40 e 80/50, respectivamente). Talvez este comportamento esteja relacionado ao fato das plantas nestes tratamentos possuírem mais reservas em função de sempre manterem maior área foliar após corte, fato este que pode favorecer o fluxo de folhas destes tratamentos em detrimento aos demais em condições ambientais um pouco mais restritivas.

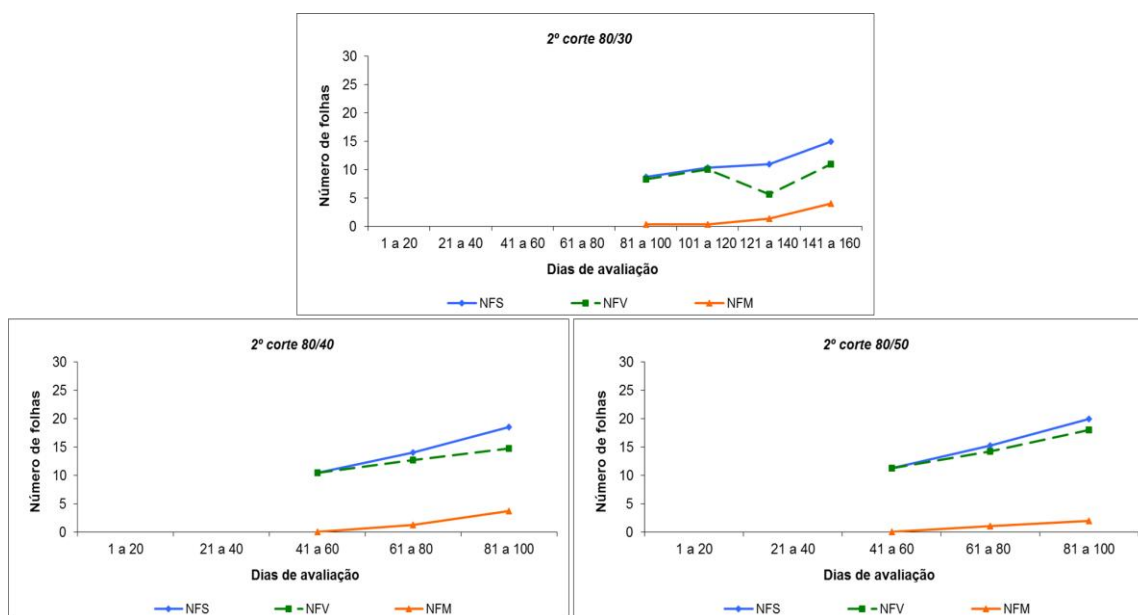


Figura 3. Dinâmica de fluxo de folhas em perfilhos de capim-elefante cv. BRS Kurumi sob diferentes alturas de resíduo (30; 40 e 50 cm) após realização do segundo corte.

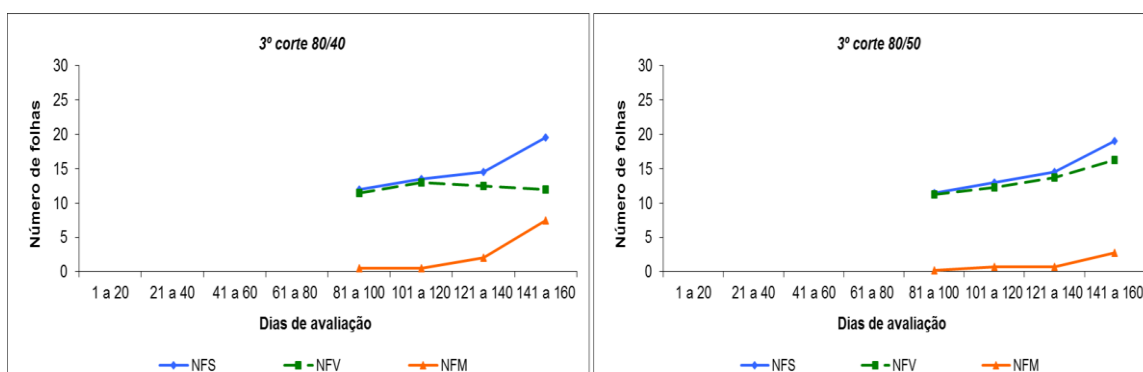


Figura 4. Dinâmica de fluxo de folhas em perfilhos de capim-elefante cv. BRS Kurumi sob diferentes alturas de resíduo (40 e 50 cm) após realização do terceiro corte.

4. CONCLUSÕES

Como o número de folhas geradas em um perfilho representa valiosa referência ao potencial de perfilhamento e produção de forragem, pela dinâmica de fluxo de folhas e renovação de tecidos do capim-elefante cv. BRS Kurumi fica evidenciada como ocorrem as modificações na comunidade de planta ou touceiras desta forrageira sob diferentes alturas de resíduo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAPMAN, D.F; LEMAIRE, G. Morphogenetic and structural determinants of plant regrowth after defoliation. In: BAKER, M. J. (Ed.), **Grasslands for our world**. Wellington: SIR Publ., 1993. p. 55-64.

PACIULLO, D. S. C.; GOMIDE, C. A. de M.; MORENZ, M. J. F.; ANDRADE, D. F. de A. A.; ANDRADE, P. J. M.; LEDO, F. J. da S.; PEREIRA, A. V. Características do pasto e desempenho de novilhas leiteiras em pastagem de capim-elefante cv. BRS Kurumi. **Boletim técnico**, n. 35, 19 p., 2015.